

ESTUDO COMPARATIVO ENTRE JOVENS CHINESES E BRASILEIROS: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE MUNDOS NÃO TÃO DISTANTES

ESTUDO COMPARATIVO
ENTRE JOVENS
CHINESES E BRASILEIROS:
SEMELHANÇAS E
DIFERENÇAS ENTRE
MUNDOS NÃO
TÃO DISTANTES

Ricardo Gonçalves Severo¹

A resenha apresenta sinteticamente os resultados da pesquisa que gerou a publicação do livro *Jovens Universitários em um mundo em transformação: uma pesquisa sino-brasileira*, organizado por Tom Dwyer, Eduardo Luiz Zen, Wivian Weller, Jiu Shunguang e Guo Kaiyuan, publicado em 2016. Resultado de um esforço iniciado em 2004 pela Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS) em contato com o governo chinês, especialmente com o Centro de Pesquisa em Infância e Juventude da China, foi produzida uma agenda de pesquisa sobre juventude em ambos os países, o que foi feito com aplicação de *survey* em 2012 com questionário construído por uma equipe de pesquisadores que tratavam de diversos temas. Como resultado o livro traz a análise dos dados da juventude de cada país, servindo como fonte de informações seja de cada uma das realidades ou na observação dos contrastes, sendo possível identificar diferenças e semelhanças entre as juventudes chinesa e brasileira.

¹ Doutor em Ciências Sociais (PUCRS)

Tom Dwyer, um dos autores do livro, lembra que para Huntington (1997) os conflitos contemporâneos ocorrem pela disputa de projetos civilizacionais, em especial entre ocidente e oriente. Assim, uma das formas de rejeitar esta proposta é a construção dialógica. Neste sentido é possível destacar a consolidação dos BRICS, que partem primordialmente de premissas econômicas para fazer frente à hegemonia política (e em diversos casos bélica) e econômica de outros blocos e países. Neste exemplo já supera-se o pressuposto de Huntington de projeto civilizacional, compreendendo que as relações típicas do realismo político, com base na força e economia mantêm-se. É relevante, portanto, o diagnóstico de Dwyer sobre a necessidade de reconhecer no caso específico a China, que hoje é o principal parceiro comercial do Brasil ²e nos últimos anos vêm buscando estreitar laços diplomáticos com nosso país (pg. 141).

Considerando o papel da construção de laços, o livro traz como principal objetivo a cooperação das Ciências Sociais do Brasil e China, em especial no que diz respeito às juventudes universitárias desses países, compreendida como grupo relevante porque são “... aqueles que farão o futuro. O fato de investigar jovens universitários garante uma visão das futuras elites intelectualizadas e dirigentes dos dois países” (DWYER, pg. 143).

O livro é o resultado do processo de diálogo iniciado em 2004 entre Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS) e o Centro de Pesquisa em Infância e Juventude da China (CYRC), e além da pesquisa sobre jovens universitários do Brasil e China, expressa o empenho desses pesquisadores na abertura de canais de comunicação e construção científica para troca e difusão de conhecimentos.

² China é o principal parceiro comercial do Brasil. fonte: <http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2017/05/china-e-o-maior-parceiro-comercial-do-brasil-no-mundo>

A pesquisa foi realizada em 2012, mediante aplicação de *survey* com universitários até 24 anos. O questionário trazia 66 questões divididas nos eixos: dados gerais, trajetória familiar e escolar dos pais, vida universitária, cultura e sociabilidade, tempo livre, internet e redes sociais, religião, trabalho, participação e esfera pública, meio ambiente e relações interculturais.

Em cada país foram selecionadas duas regiões para realização do estudo, centro industrial e político de cada país. No Brasil a pesquisa foi feita em Brasília e São Paulo; na China, em Shanghai e Beijing. Definidas as regiões, as equipes de pesquisa decidiram os tipos de universidades em que seriam aplicados os questionários, divididas em três categorias: baixa, média e alta competitividade para ingresso. No Brasil, a amostra totalizou 2.429 entrevistados(as). Na China os requisitos foram os mesmos, considerando as características do sistema educacional, adotando-se amostra de 1.708 entrevistados(as).

O resultado da pesquisa é apresentado no livro publicado em 2016 em português e em mandarim e traz introdução brasileira e chinesa, sendo dividido em doze capítulos e dois apêndices metodológicos. Os primeiro e segundo capítulos tratam das características populacionais e do ensino na China. Contextualiza-se o sistema universitário chinês, em especial a partir de 1977, quando introduz-se o *gaokao* (exame nacional para acesso ao ensino superior) e o aumento do número de cursos ofertados, assim como de estudantes matriculados. Trata também de como o governo reestruturou o sistema universitário em projetos: 1992 - construção e reestruturação de universidades e 1998 - construção de centros de excelência).

Apresentam-se os dados populacionais e as mudanças demográficas chinesas a partir da década de 1970 com a aplicação da Política de Planejamento Familiar (conhecida como política do filho único). Constata-se como resultado a transformação da estrutura etária da população no período - tendo como resultado o aumento da população economicamente ativa. No mesmo período a população urbana passa de 20% para 50% da população.

As transformações do ensino superior na China estão relacionadas necessariamente ao contexto político do país que, por sua vez, vai se apresentar nos valores centrais dos universitários em cada período. Estes valores são compreendidos como centrais para construção de diagnóstico de futuros possíveis do país, ainda mais compreendendo-se que é este grupo que caracteriza a “elite”, neste caso cultural e política. É, portanto, fundamental compreender os períodos e valores-guias destes jovens, definidos por Peng (p. 263-264) da seguinte forma: de 1949 até meados dos anos 1970 seguiu-se o padrão coletivo “Sem-eu” (ênfase na coletividade), início da construção comunista no país.

De 1978 até o início da década de 1980, após o fim dos “dez anos de instabilidade”, quando as universidades foram fechadas de 1966 até 1976, os jovens tinham uma orientação voltada à construção coletiva e com uma visão crítica sobre o passado recente, em especial à “revolução cultural”.

Da segunda metade da década de 1980 até o início da década de 1990, com o avanço da economia de mercado no país e, conseqüentemente, a introdução de valores ocidentais, surgem “efeitos negativos” entre os jovens, em especial uma ênfase ao individualismo, hedonismo e descrédito dos intelectuais (pg. 266).

No final da década de 1990 a atual política educacional começa a ser construída num sentido de integrar a visão da busca de satisfação individual com o bem societal, o que ocorre, conforme Peng, pelas mudanças políticas e econômicas do país e pela aceitação eclética de valores tradicionais e ocidentais. Conforme o autor:

O choque entre a cultura chinesa e a ocidental promoveu um contexto de novo sistema de valores para os universitários observarem tanto a si mesmos quanto a sociedade. Paralelamente, como para os universitários as visões de mundo e de vida ainda estão maduras, eles são facilmente influenciados pelas modas sociais (PENG, pg. 270-271).

Considera-se também que a busca de mudança de atitudes em relação à política, transformando a “participação passiva” em “postura proativa”, o que é feito pela oferta de mecanismos consultivos e decisórios de participação política (PENG, pg. 282-285).

Em relação ao ingresso na universidade, assim como no Brasil, a China realiza um exame nacional para ingresso no ensino superior (*gaokao*). Há cobrança de anuidades dos cursos, contando os estudantes com bolsas de estudo, subsídios e créditos bancários. Destaca-se o aumento da oferta de ensino superior no país a partir do final da década de 1990. Em 1998 havia 3.410.000 de estudantes matriculados e em 2011 passam para 31.670.000, havendo coexistência de universidades públicas e privadas (YUNGSHUANG, pg. 51).

Os terceiro e quarto capítulos tratam da juventude e ensino superior no Brasil, considerando os aspectos históricos (período de implementação retardatário na América Latina), forma de organização institucional e expansão da oferta (pública e privada) recente. Sobre a juventude universitária constata-se que mesmo com a expansão recente, ainda compõe sua maioria os jovens brancos de maior renda, sendo relevante o histórico educacional familiar para o ingresso na universidade.

Mesmo com o aumento do investimento no ensino superior público nos últimos quinze anos, o número de instituições privadas e, conseqüentemente, o número de vagas, é muito superior no país, sendo 26,4% contra 73,6% na graduação, considerando que há aporte público no setor privado por meio de financiamento das vagas. O total de estudantes na graduação em 1995 no país era de 1.759.703 e em 2012 contam com 7.037.688 (NEVES e MARTINS, pg. 104). Mesmo com esta expansão o acesso ao ensino superior, considerando variáveis renda, cor e região do país, ainda mantêm-se desigual.

Do quinto ao nono capítulos são apresentados os contrastes entre os jovens chineses e brasileiros. Ambos países, considerando as diferenças nas formas como executaram-se, expandiram nos últimos anos a oferta de ensino superior como estratégia de qualificação de mão-de-obra. Os jovens têm em comum a valorização da família, sendo tal valorização na China em razão da tradição e no Brasil num sentido de construção da individuação.

É presente a preocupação com o futuro, especialmente relacionada ao trabalho. As diferenças mais significativas tratam do nível de engajamento em organizações (ongs, partidos, movimentos sociais) e trabalho. É comum o envolvimento dos chineses em organizações políticas e culturais, sendo rara essa participação entre brasileiros. Argumenta-se que a maior participação dos chineses em organizações é resultado da cultura competitiva verificada na infância em razão da cobrança do sucesso escolar.

Relacionado ao trabalho, os brasileiros costumam, em sua maioria, dividir seu tempo entre atividades laborais e estudo, o que não é comum entre os universitários chineses. É possível inferir que esta pode ser também uma das razões da baixa participação em organizações políticas e culturais entre brasileiros, dada a necessidade de ter de consorciar o seu tempo entre labor e estudo, conforme demonstra tabela (pg. 196):

Brasil e China: situação de trabalho dos jovens universitários, por sexo (2012)
(Em %)

	China			Brasil		
	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens	Total
Trabalha	27,6	18,6	24,2	50,9	54,6	52,5
Trabalha sem remuneração	8,9	16,0	11,6	6,5	6,0	6,3
Está procurando trabalho	13,3	11,4	12,6	14,8	12,2	13,7
Não trabalha	50,3	53,9	51,7	27,8	27,2	27,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cygra.

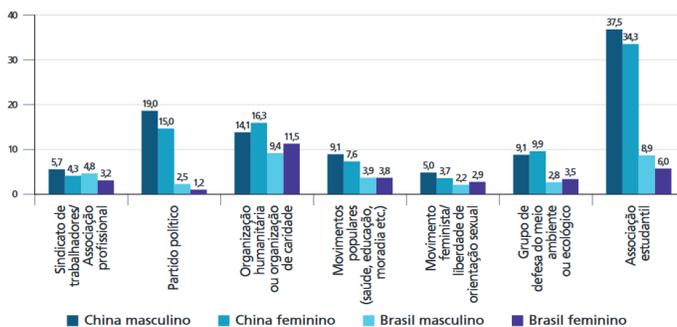
No que diz respeito à família, esta é compreendida como instituição mais confiável em ambos os países (DWYER, pg. 139; SPOSITO, NAKANO e CHEN, pg. 257). Na China, a família é núcleo organizador de todas as atividades de todos seus integrantes para além das relações familiares, tais como as políticas, econômicas e religiosas, desempenhando uma função mais “funcional” (DWYER, pg. 145-147). No Brasil a família é também central mas cumpre um papel facilitador de “individualização”, além de consistir em relações mais horizontalizadas (SPOSITO, NAKANO e CHEN, pg. 236).

Considerando haver uma ascensão do nível educacional destes jovens comparado com seus pais, estes já tinham um nível de formação superior à média das populações de cada país, levando à constatação de que mesmo com o aumento da oferta ainda é restrito o acesso aos jovens de origem familiar mais humilde, tanto no que diz respeito às variáveis educacionais e econômicas de seus familiares. Isso é reforçado por outra característica comum: a possibilidade de ofertar uma educação complementar (no Brasil os cursos pré-vestibulares) nas famílias com maior renda.

Característica própria da juventude, o círculo de amizades tende a ser amplo, sendo relevante o espaço escolar e universitário como forma de estabelecer estas relações em ambos os países (SPOSITO, NAKANO e CHEN, pg. 238).

As diferenças mais marcantes se dão na participação em organizações (sindicatos, partidos, movimentos sociais e etc.) e na inserção no mercado de trabalho enquanto se estuda. A taxa de participação em organizações por parte dos chineses é muito superior à dos brasileiros, conforme o gráfico abaixo (pg. 246):

Participação atual em grupos de interesse, movimentos sociais, organizações humanitárias, partidos e sindicatos dos jovens brasileiros e chineses, por sexo (Em %)



Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cyra.

Obs.: Cada respondente pode indicar até três itens, por isso os percentuais não somam 100%

Ainda, na China mais de 90% dos jovens trabalham até vinte horas semanais, o que ocorre em 40% entre brasileiros, havendo jornadas de até cinquenta horas semanais. Assim é possível inferir que o tempo disponível que os chineses tem, em comparação com os brasileiros, que é dedicado exclusivamente aos estudos e dado que é neste ambiente que a maioria das atividades organizativas ocorre é determinante para a maior taxa de engajamento dos chineses.

Do décimo a décimo segundo capítulo apresentam-se as características dos jovens chineses no que diz respeito aos valores, formas de participação política e origens sociais. Abordam-se os valores adotados após a reabertura das universidades em 1977, a crise dos valores, identificados como oriundos do ocidente e com características individualistas e como atualmente trata-se de consorciar a satisfação pessoal com o projeto societal chinês.

Uma alternativa encontrada é a construção da participação dos jovens na política, o que é feito através de incentivos institucionais. Em resumo, compreende-se que hoje os universitários chineses adotam valores sociais ecléticos, oriundos da tradição chinesa e resultado da economia de mercado, tendo como desafio a integração destes valores em práticas que resultem no bem comum do país.

Compreende-se que o livro é uma fonte para compreender os sistemas educacionais de cada país, assim como suas juventudes, observando semelhanças e diferenças, apresentadas quantitativamente e com rica contextualização. Por fim, é interessante observar os estilos de análise de cada país. Enquanto no Brasil os (as) autores (as) comentam sobre educação e estado, assim como suas características, criticando-os de forma externa e com maior uso de inferências, é possível observar que para os (as) chineses (as), mesmo que façam análises semelhantes, parecem escrever de maneira integrada ao Estado e de modo mais objetivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

DWYER, Tom et al. Jovens Universitários em um mundo em transformação: uma pesquisa sino-brasileira. Brasília: IPEA; Pequim: SSAP, 2016.

HUNTINGTON, Samuel P. O Choque de Civilizações e a recomposição da ordem mundial. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

DADOS DA OBRA:

Jovens Universitários em um mundo em transformação: uma pesquisa sino-brasileira. Brasília: IPEA; Pequim: SSAP, 2016. ISBN: 978-85-7811-277-6

Disponível em:

http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/livros/160715_livro_jovens_universitarios.pdf